



BRASIL: JOVENS ARQUITETOS

SEGRE, ROBERTO. RIO DE JANEIRO:
EDITORA VIANA & MOSLEY. 2004. 232 P.
ISBN: 85-88721-19-8

Nestor Goulart Reis Filho

Um livro sobre os jovens arquitetos

Roberto Segre resolveu enfrentar um problema difícil para a crítica de arquitetura: o da produção dos jovens profissionais. Como o próprio autor reconhece na introdução de seu livro *Brasil: Jovens arquitetos*, (lançado pela Viana & Mosley), os críticos fogem do tema por dois motivos principais. O primeiro é que os profissionais da arquitetura só amadurecem após alguns anos de contato com a prática. O segundo é: no Brasil as informações sobre a produção das várias regiões demora para ser reconhecida, respeitada e divulgada em outros centros do país. Sem contar que entre a elaboração de um projeto e sua execução completa decorrem, às vezes, alguns anos. Os próprios arquitetos deixam de divulgar suas obras.

A existência da Bienal Internacional de Arquitetura, em São Paulo (que se mantém ativa na última década), vem melhorar as possibilidades de conhecimento e avaliação dos trabalhos das novas gerações. Mas falta muito. São poucas as revistas de arquitetura, e são tênues os canais de comunicação entre as regiões. Faltam procedimentos sistemáticos para consolidação e alargamento desses canais.

As premiações dos departamentos do IAB, em algumas regiões, também nos ajudam na divulgação de uma parte pequena da produção dos escritórios dos mais jovens. Mas, como observa Segre, há resistência das gerações anteriores para aceitar as mudanças em curso, com uma perspectiva cultural voltada para a longa duração.

O número de profissionais guarda uma relação direta com os cursos e o número de alunos existentes. Hoje são mais de 150 cursos no país (talvez mais de 170) e acima de 25.000 estudantes. Existem entre 30 e 35.000 arquitetos. Entre estes existem pelo menos 500 jovens profissionais atuantes, com desempenho que mereça respeito.

O livro de Segre, enfrentando as dificuldades mencionadas (e outras, como a necessidade de obter documentação de boa qualidade), vem, portanto, preencher uma lacuna inaceitável. Abrangendo obras de diferentes regiões e edificações para os mais diferentes usos, oferece-nos um panorama interessante da arquitetura em uma fase difícil de transição e escassez de serviço.

Um paralelo sempre surge em nossa memória: o da divulgação dos projetos e obras dos arquitetos do movimento moderno no Rio de Janeiro, com o livro *Brazil builds*, de Phillip Goodwin, editado em 1943. Naquele tempo havia, no Brasil, quatro cursos de arquitetura ligados à Escola de Belas-Artes (Rio, Porto

Alegre, Recife e Salvador), dois ligados a escolas de engenharia (a Politécnica e o Mackenzie, em São Paulo), com uns poucos alunos, e uma faculdade independente (a da UFMG). Seriam talvez umas 100 vagas por ano. O IAB de São Paulo, fundado por volta de novembro de 1943, tinha umas poucas dezenas de sócios. Nessa escala modesta de vida profissional, destacou-se o grupo do Rio de Janeiro, pela repercussão internacional de seu trabalho. De um lado havia a maturidade do grupo liderado por Lúcio Costa; de outro lado, o reconhecimento público, devido à publicação do livro *Brazil builds*, com apoio direto do grupo ligado ao MOMA de Nova York e do governo americano.

O paralelo se impõe porque o grupo do Rio era constituído todo ele por jovens arquitetos. Lúcio Costa, provavelmente o mais velho, contaria com cerca de 31 anos quando se iniciou o projeto do Ministério da Educação, e 39 anos quando se organizou a exposição *Brazil builds*, que iria consagrar suas realizações e as de seus colegas da então capital do país. Como observa Segre, esses fatos são suficientes para justificar uma atenção maior por parte dos críticos, em relação à produção dos jovens. Mas como chegar lá? Como acompanhar as produções das dezenas de milhares de arquitetos, quase todos eles jovens, atuando de Manaus a Porto Alegre, de Vitória a Porto Velho? Como saber que Roberto Moita Machado (UFCE) criou o Parque do Mindu em Manaus, que Luciano Mayto Soares, Marcelo Ursini e Sergio Salles fizeram um terminal de ônibus em São Paulo? Como saber que Diniz, Canellas, Zouzart e Geraldo criaram o Circo Voador no Rio de Janeiro? A resposta mais óbvia é: lendo o livro de Roberto Segre.

Mas há algumas questões levantadas pelo autor, que ficam em aberto. Segre cumpre sua parte, mas ao mesmo tempo nos obriga a reconhecer a existência de uma grande omissão, de um vazio, o qual todos nós ou apenas alguns outros devemos procurar preencher. Seguindo os passos de nosso colega da UFRJ, devemos reconhecer nossa obrigação de acompanhar mais de perto a produção arquitetônica das novas gerações. A crítica ativa acompanha as mudanças e procura organizar os conhecimentos possíveis, para ser útil socialmente. A crítica *a posteriori*, a história que se pretende reflexo, história passiva, esvazia a arquitetura de suas dimensões sociais e termina por considerá-la apenas como produto do mercado e da moda. A crítica ativa é como a estatística: organiza o conhecimento como instrumento de ação.

Resta, portanto, a questão principal. Se é importante conhecer os rumos que está assumindo a arquitetura produzida pelos jovens arquitetos, temos de saber como produzir esse conhecimento de forma regular. Os professores e estudantes dos 150 ou 170 cursos do país, os departamentos do IAB, a ASBEA e o sindicato (e quem sabe, em breve, a Ordem dos Arquitetos) poderiam reunir suas capacidades operacionais, para um programa digitalizado com esse objetivo. O que, evidentemente, levaria à sua própria valorização. Roberto Segre, ex-italiano, ex-argentino e ex-cubano já deu o exemplo. Quem for brasileiro que o siga.

Ou, pelo menos, leia seu livro.

Nestor Goulart Reis Filho

Arquiteto pela FAUUSP em 1955, bacharel em ciências sociais pela FFLCH-USP, em 1962, livre-docente pela FAUUSP, em 1964, professor catedrático pela FAUUSP, em 1967.